

JOGOS TEATRAIS E EDUCAÇÃO PENITENCIÁRIA EM MACAPÁ

Theater games and penitentiary education in Macapá

Emerson de Paula Silva

Universidade Federal do Amapá – UNIFAP

Resumo: Este texto configura-se como um breve relato do processo de inclusão do teatro junto ao sistema penitenciário de Macapá-AP, na Escola Estadual São José presente neste espaço. O projeto aborda o setor masculino e feminino do referido sistema e faz parte do PROCULT – Programa de Cultura da UNIFAP.

Palavras-chave: Jogos Teatrais; Educação Penitenciária; Cultura.

Abstract: This text is a brief account of the process of inclusion of the theater in the Macapá-AP penitentiary system at the school Estadual São José present in this space. The project addresses the male and female sector of this system and is part of PROCULT – UNIFAP Culture Program.

Keywords: Theatrical Games; Penitentiary Education; Culture.

O projeto/pesquisa *Teatro e Prisão: Ressocialização Através do Teatro* realiza aulas de iniciação teatral que visam analisar de forma teórica e prática o jogo teatral como elemento capaz de contribuir com a promoção da cidadania para pessoas em situação de cárcere e com seu processo de reintegração na comunidade. Para tanto, pretende-se com o mesmo potencializar a linguagem teatral como estimuladora da fruição estética a pessoas em situação de cárcere, construindo ainda metodologias e materiais para este fim.

A iniciativa está vinculada ao Projeto de Pesquisa *Estudos em Espaços Culturais, Deliberativos e Inclusivos* e ao grupo de pesquisa *NECID – Núcleo de Estudos em Espaços Culturais, Deliberativos e Inclusivos* –, ambas as iniciativas registradas junto ao Departamento de Pesquisa da Universidade Federal do Amapá (UNIFAP) e CNPQ, sendo executado desde agosto de 2017, e que integra o *PROCULT – Programa de Cultura da UNIFAP* junto ao Curso de Teatro desta Instituição de Ensino Superior.

Esta ação extensionista também está vinculada ao Projeto de Pesquisa *Políticas Públicas para a Educação Penitenciária no Amapá: Por uma implantação de Programa Governamental*, o qual conta com a equipe do Grupo de Pesquisa **PEPITAS** registrado junto ao CNPQ e ao Departamento de Pesquisa, da Universidade Federal do Amapá. Contando com apoio do Núcleo de Acessibilidade e Inclusão – NAI/PROEAC/UNIFAP.

As metodologias utilizadas nas aulas propõem autodescoberta, autopercepção e exploração cognitiva, corporal e psicomotora, através do sistema de jogos teatrais de Viola Spolin. A escolha pela metodologia dos jogos teatrais spolinianos tem como premissa perceber a utilização de outras metodologias de jogos teatrais diferentes dos propostos pelo teatro do oprimido, uma vez que grande parte dos projetos de teatro junto a penitenciárias utiliza desta proposta. Não há intenção de ignorar o contexto social e espacial das/dos participantes do processo, algo latente na metodologia proposta por Augusto Boal, mas o objetivo principal visa trabalhar a iniciação teatral e o direito de acesso à cultura a toda e qualquer pessoa.

O Jogo Teatral Spoliniano como processo na Educação Penitenciária

Numa proposta de inversão do controle instituído na escola, propusemos, artisticamente falando, uma iniciação estética através do jogo teatral junto a Escola Estadual São José, presente na Penitenciária de Macapá, no sentido de possibilitar mecanismos de redescoberta do prazer e de constituir, no espaço escolar, um ambiente de troca, de experiência e de formação pelo sensível. A presença da instituição escolar dentro da instituição prisional contribui de certa forma para uma quebra em alguns pressupostos sobre estas mesmas instituições, promovendo reflexões outras, apresentando outros olhares e possibilidades, mas ainda carecendo de uma maior reflexão. Levar o teatro à Educação Penitenciária é potencializar momentos de apreciação estética e criação artística individual e coletiva no campo da Arte/Teatro como recurso de encontro para potencializar a autonomia e a sensibilidade no contexto escolar prisional.

A proposta de jogos teatrais apresentada por Viola Spolin, por sua essência dialógica e aglutinadora, se faz presente como importante elemento de transformação e de proposição capaz de dialogar com diferentes espaços de constituição do saber. Um exemplo é o entendimento do espaço no jogo teatral spoliniano e o diálogo do corpo nos diferentes estados e espaços que este mesmo corpo ocupa. As propostas de exercícios do jogo teatral spoliniano, como o trabalho com o QUEM/ ONDE/ O QUE, a partir do não uso da fala e posteriormente o uso da língua inventada (blablação), são experimentadas repetidas vezes por se mostrarem eficazes para que os/as participantes entendam o corpo como canal de comunicação, assim como o entendimento de que o teatro enquanto arte possui um processo de construção. O interesse no projeto pelas/pelos participantes mostrou-se significativo, mas imperava a visão de que fazer teatro se constituía apenas do ato de uma apresentação final, o que gerava em grande parte do grupo certo temor em participar da proposta da oficina, apesar de demonstrarem interesse na mesma.

Devido a toda vigilância que o espaço prisional realiza sobre os corpos das pessoas em situação de cárcere, os trabalhos com exercícios como: *O QUE*

ESTOU VENDO? O QUE ESTOU OUVINDO? O QUE ESTOU FAZENDO? instigaram uma percepção do corpo não como algo que necessita ser dócil, mas como canal de comunicação. Os exercícios partiram da questão de mostrar as ações, para o de realizar as ações, ou seja, fisicalizar. O não uso da fala ampliou essa percepção e gerou maior conforto, já que o ato de falar é também algo muito vigiado numa instituição prisional. No momento do uso da fala, mas no sentido de se inventar uma língua (blablação), a exploração vocal surgiu fluida, ecoando na voz a liberdade que o corpo vibrava. Na blablação, se falou tudo o que estava contido e tenso, gerando, no momento em que finalmente a fala convencional foi estimulada a ser usada, diálogos potentes, criativos e organizados no que tange começo, meio e fim e foco na ação.

Portanto, neste Projeto/Pesquisa, utilizamos os múltiplos olhares que o jogo teatral spoliniano pode proporcionar em contato com diferentes sujeitos e ações. Estes se desenvolveram a partir da ampliação da geografia do olhar, no que tange entender as potencialidades do jogo teatral para além do espaço de formação artística. Notamos que os jogos teatrais propostos por Spolin promovem sim fruição estética, mas principalmente inclusão, empoderamento e transposição do processo de aprendizagem para a vida diária. Ações como foco, fisicalização, resolução de situações-problemas propostas por Spolin em seu método de improvisação propõem, com seu processo de avaliação entre jogadores-espectadores, a possibilidade da leitura do mundo e da compreensão que o corpo é memória. O que se vivencia na aula pode ser acionado em outros momentos da rotina cotidiana, mesmo num espaço prisional.

O jogo teatral spoliniano, nesta experiência, foi compreendido não só no âmbito educativo, mas também social, e com o objetivo de desenvolver as potencialidades dos/das apenados/apenadas e de sua posterior participação na sociedade.

Spolin (2007) parte do princípio de que todas as pessoas são capazes de atuar no palco, de jogar, de improvisar e de aprender por meio da experiência. O trabalho com jogos teatrais spolinianos, como eles se constituem, não carecendo de adaptações em sua constituição, se mostrou eficaz, uma vez que:

O jogo estimula a criação de formas simbólicas, daí a vantagem de sua utilização como meio para introduzir o indivíduo na experiência teatral, pelas vias da intuição, sem tensão ou verborragia desnecessárias. O significado do jogo é realçado à medida que propõe um problema cênico a ser solucionado, exigindo o envolvimento total dos jogadores, o acordo de grupo sobre as regras, a interação, a agilidade e, conseqüentemente, o crescimento dos participantes. Concentrar as energias no foco do jogo, liberar energia para resolver o problema, cumprir regras, provoca a espontaneidade, a coragem e o desbloqueio. Na busca da agilidade necessária para atingir o objetivo almejado, o corpo todo se abre, se reintegra, se arruma. As regras, as limitações impostas, ao invés de restringirem o jogador, possibilitam a resolução do problema teatral, e o próprio aprendizado das técnicas e convenções teatrais, de maneira lúdica e não verbal. (RABÉLLO, 2011, p. 24)

Neste sentido, a oficina de teatro buscou despertar a ação criativa de cada um/uma e que essa criatividade fosse a pulsação para o desejo de querer se colocar novamente na sociedade sem se marginalizar dela. Foram propostos exercícios corporais e de respiração individuais e em grupo para que estabelecêssemos uma relação de confiança no outro. Passamos por jogos teatrais que trabalharam ao mesmo tempo concentração, percepção do próprio corpo, do corpo do outro e atenção ao espaço.

Após cada encontro, havia uma roda de conversa sobre os mesmos no intuito de promover a avaliação da oficina e o a possibilidade de transposição do processo de aprendizagem em teatro para a vida diária.

O fazer teatral nos auxilia no encontro com a livre expressão mesmo através das regras. Com o público aqui em questão, procuramos mostrar, aos/as internos/as, que é possível viver a liberdade ainda que dentro de uma sociedade tão regrada. Regras são reformuladas, se necessário, e passíveis de transformações, se for da vontade de todos num grupo, numa comunidade. Mas, estas possíveis mudanças passam por avaliações das regras existentes após o uso das mesmas. A proposta do sistema de jogos teatrais de Spolin mostrou-se, então, metodologia eficaz, pela sua própria constituição, para chegarmos à reflexão apontada.

Sendo assim, o jogo teatral foi um importante instrumento para que os participantes da oficina se permitissem fazer parte de um grupo, jogando com seus/suas parceiros/as, onde havia regras, mas que todos/as podiam ajudar a criar novas regras.

O papel do teatro-educação, e no caso específico aqui descrito, o jogo teatral na perspectiva spoliniana, possibilitou, na sua prática junto ao sistema penitenciário de Macapá-AP, na Escola Estadual São José, a promoção da expressão cultural como fator de contextualização das questões sociais de apenados e apenadas; o empoderamento através da vivência artística e a transposição de todo o processo à rotina diária, promovendo ainda o espaço escolar como espaço de criação artística e não de reprodução de formas artísticas preexistentes, mesmo na presença destes espaços educativos inseridos em instituições prisionais.

Trilhando Conclusões

Este texto centrou-se em apresentar um relato de experiência sobre as oficinas realizadas com mulheres e homens presas/ presos, que estavam custodiadas/os na Coordenadoria da Penitenciária Feminina e Masculina, no Estado do Amapá, o que implicou em documentar uma parte da criação em teatro no ambiente carcerário como uma experiência humana, e que toma como referência a colocação de Larrosa (2008), citada por Ferreira, quando nos diz que “a experiência é o que nos passa, ou o que nos acontece, ou o que nos toca. Não o que passa ou que acontece, ou que toca, mas o que nos passa, o que nos acontece ou nos toca” (2016, p. 2).

Nesse contexto, consideramos ainda que:

[...] o Teatro passa a ser uma possibilidade de o indivíduo retomar a relevância e a valorização de sua individualidade como algo que se constitui no encontro com o outro, além da autonomia perante suas escolhas e suas especificações, como um produto potencializador de identidades transgressoras. (FERREIRA, 2016, p. 2-3)

O papel da Arte-Educação, e no caso específico aqui descrito o Teatro-Educação, promove a articulação da reconstrução identitária dos/das agentes envolvidos e viabiliza a expressão cultural como fator de contextualização das questões sociais de apenados e apenadas.

É na troca de saberes, nos encontros de trajetórias e na experimentação de oportunidades que a vida humana proporciona ou que proporcionamos às pessoas, que passamos a entender, a importância da trajetória de cada pele e como cada corpo humano é um espaço que precisa ser respeitado, revisitado e potencializado.

Recebido em 27/04/2019

Aceito em 06/05/2020

Referências

FERREIRA, F. C. **Pedagogia palhacesca: uma poética de atravessamentos, transgressões e comicidade na escola básica**. Orientadora: Ana Elvira Wu. 2016. 33f. (Mestrado Profissional em Arte) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2016.

RABÉLLO, Roberto Sanches. **Teatro-educação: uma experiência com jovens cegos**. Salvador: EDUFBA, 2011.

SPOLIN, Viola. **Jogos Teatrais para a sala de aula: um manual para o professor**. (I. D. KOUDELA, trad.). São Paulo: Perspectiva, 2007.